


## LUZES DE ÁFRICA SOB A SOMBRA DO BARÃO: CASO-REFERÊNCIA DA PARTICIPAÇÃO DOS COLETIVOS NEGROS NA SALA NO MUSEU DE NOVA FRIBURGO

LIGHTS OF AFRICA IN THE SHADOW OF THE BARON: A REFERENCE CASE OF THE PARTICIPATION OF BLACK COLLECTIVES IN THE ROOM AT THE NOVA FRIBURGO MUSEUM

**Vívian Alves de Assis**

 <https://orcid.org/0000-0002-7818-8299>

**Correspondência:** vivianeassis@ufrj.br

Universidade do Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.


**Rosângela Lunardelli Cavallazzi**

 <https://orcid.org/0000-0003-4199-6732>

**Correspondência:** rosangela.cavallazzi@gmail.com

Universidade do Federal do Rio de Janeiro e PUC-Rio, Rio de Janeiro, Brasil.

**Maiara Felício da Silva**

 <https://orcid.org/0009-0005-8537-6780>

**Correspondência:** maiarafelicio1994@gmail.com

Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, Brasil.

**DOI:** 10.12957/cdf.2026.97034

**Recebido em:** 23 fev. 2026 | **Aceito em:** 18 maio 2026

### RESUMO

O presente estudo visa refletir sobre os desafios e possibilidades de crítica e desapego de ilusões progressistas e passadista do *mito da Suíça Brasileira* em Nova Friburgo a partir de manifestações pedagógico-culturais e saberes em movimento de coletivos negros da cidade. Apresenta uma proposição metodológica crítico-decolonial, com abordagem interdisciplinar, que inclui a *escrivência* de uma das autoras, a técnica de entrevistas semiestruturadas de lideranças dos coletivos negros, a análise de fontes documentais, a adoção do método de caso-referência, além da revisão bibliográfica da história local e de informações da mídia. Apropria-se da simbologia da concepção africana da história da *Sankofa* na análise do caso-referência da contribuição dos coletivos negros Centro Cultural Afro-brasileiro *Ysun-Okê*, Lélia Gonzalez e Império das Negas na construção da Sala *Luzes de África* no Museu de Nova Friburgo, na residência urbana de Antônio Clemente Pinto, o Barão de Nova Friburgo.

**Palavras-chave:** Nova Friburgo; coletivos negros; decolonialidade; museu; Luzes de África.

## ABSTRACT

This study aims to reflect on the challenges and possibilities of criticism and detachment from progressive and outdated illusions of the myth of Brazilian Switzerland in Nova Friburgo, based on pedagogical-cultural manifestations and knowledge in motion from black collectives in the city. It presents a critical-decolonial methodological proposition, with an interdisciplinary approach, which includes the writing of one of the authors, the technique of semi-structured interviews with leaders of black collectives, the analysis of documentary sources, the adoption of the case-reference method, as well as a bibliographic review of local history and media information. It appropriates the symbolism of the African conception of the history of Sankofa in the case study analysis of the contribution of the black collectives Centro Cultural Afro-brasileiro *Ysun-Okê*, Lélia Gonzalez, and Império das Negas in the construction of the Sala Luzes de África (Africa Lights Room) at the Nova Friburgo Museum, in the urban residence of Antônio Clemente Pinto, the Baron of Nova Friburgo.

**Keywords:** Nova Friburgo; black collectives; decoloniality; museum; Lights of Africa.

## 1 INTRODUÇÃO

A cidade de Nova Friburgo<sup>1</sup>, a “Suíça brasileira”, *tradição inventada* (Hobsbawn, Ranger, 1984) europeia, oculta a história e a presença negra na cidade, principalmente na sua fundação no período colonial, em que a cidade contava com cerca de 40% de negros (Marretto, 2018).

Atualmente, segundo o Censo de 2022, 33,48% da população se declara preta e parda em Nova Friburgo (IBGE, 2023), o que representa um acréscimo de quase 6% em relação ao Censo de 2010 (IBGE, 2012). Esse acréscimo na autodeclaração pode ser entendido como um reflexo da atuação de novos coletivos negros nos anos 2010, Lélia Gonzalez e Império da Negas, que se somaram a coletivos tradicionais como o Centro Cultural Afro-brasileiro *Ysun-Okê*.

A construção crítico-teórica sobre o *mito da “Suíça brasileira”* introduzida no debate a respeito da história da cidade de Nova Friburgo pelo historiador João Raimundo Araújo (1992, 2018) e, principalmente, a atuação prática dos mencionados coletivos negros friburguenses são o ponto de partida para o aprofundamento de estudos da história local com um olhar decolonial (Assis; Cavallazzi, 2025).

O *mito da “Suíça brasileira”* é uma ideologia baseada na teoria do progresso e reflexo de uma dimensão mítica da história da cidade construída em uma articulação entre

---

<sup>1</sup>Nova Friburgo está situada na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, em uma área urbana rural de aproximadamente 935,4 km<sup>2</sup>, possui 189.939 habitantes segundo o Censo de 2022 (IBGE, 2023).

empresários alemães e uma elite política modernizadora consolidada no período histórico entre 1910 e 1960, que se perpetua e se renova nos tempos atuais<sup>2</sup>.

Essa ilusão passadista é costurada politicamente ao ser revisitada, reinventada e reforçada em gestões municipais liberais conservadoras, com vistas a atender os interesses políticos e sociais de manutenção de uma elite local (Assis, 2022).

O referido mito é perpetuado ainda em textos normativos atuais. Às vésperas do bicentenário, em 2017 foi editada a Lei Estadual nº 7.683 (RIO DE JANEIRO, 2017), que dá esse título à cidade. Recentemente, foi sancionada a Lei Federal nº 14.910/2024 (BRASIL, 2024), que concede ao Município de Nova Friburgo o título de "Suíça Brasileira".

O estudo compreende o *mito da "Suíça brasileira"* (Araújo, 1992, 2018) como legitimador da *colonialidade do poder* na cidade (Quijano, 1992, 2005) que obstaculiza avanços de *práticas sociais instituintes* (Cavallazzi, 1993), especialmente as manifestações políticas, pedagógicas e culturais e os saberes em movimento dos coletivos negros da cidade, como o *Ysun-Okê*, Lélia Gonzalez e Império das Negas.

No que concerne à metodologia, a pesquisa crítica decolonial eminentemente interdisciplinar, estabelece um diálogo entre os campos da História, Sociologia e Direito. Se apoia em entrevistas semiestruturadas (Creswell, 2014) de lideranças dos coletivos negros da cidade que participaram da concepção, divulgação e inauguração como uma das técnicas de coleta de dados, fontes documentais, em revisão bibliográfica, além de informações da mídia, principalmente a local.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas em fevereiro de 2026, a partir de um guia composto por tópicos e questões especificadas com lideranças dos coletivos envolvidos na sala *Luzes de África*: Paulo César Lourenço do Lélia Gonzalez; Michely Felício do Império das Negas e Ilma Santos e Eliane do *Ysun-Okê*. As entrevistas dos coletivos foram realizadas separadamente sobre os seguintes tópicos: a história do coletivo e sua atual atuação na cidade; a participação do coletivo na concepção e inauguração da Sala *Luzes de África*; e o que a sala representa para o coletivo.

A presente investigação reconhece ainda que as pesquisas em Ciências Sociais Aplicadas são desenvolvidas para buscar soluções, ainda que muitas vezes provisórias, para problemas coletivos e não para solucionar questões individuais. Com esse norte, a

---

<sup>2</sup>O mito se consolida em "festas da ordem" (Damatta, 1986), especialmente a festa do centenário de 1918 e a festa de aniversário da fundação da cidade de 1954 e de 1956, e se reinventa nos tempos atuais em festejos como a festa do bicentenário da cidade no ano de 2018 (Assis, 2022).

investigação em curso visa cumprir a função de uma *pesquisa-intervenção* (Gustin; Dias, 2006, p. 41), ao constituir-se para intervir no imaginário e visibilizar a cultura negra friburguense. Como pesquisa teórico-prática, objetiva gerar ações transformadoras durante o percurso da investigação, bem como perspectivas de novos rumos para a realidade social (Gustin; Dias, 2006, p. 42).

A participação dos coletivos negros na construção, divulgação e inauguração da Sala *Luzes de África* no Museu de Nova Friburgo, antigo Solar do Barão de Nova Friburgo, é adotado como caso-referência (Cavallazzi, 1993). O caso-referência é um suporte fático que cristaliza a investigação, em razão de se configurar como espaço-tempo em que o presente se articula historicamente ao passado de forma em que a empatia pela narrativa dos vencidos é reverberada.

A *escrevivência* (Evaristo, 2020) de uma das autoras carrega a vivência da coletividade do coletivo Império das Negas e de sua atuação política como contranarrativa a ideologia da *Suíça brasileira*, que reivindica o direito à memória e a cultura negra na cidade.

O referencial teórico crítico decolonial, a partir da abordagem de Quijano (1992, 2005) e de historiadores locais, servem como base na pesquisa para analisar uma cidade situada no contexto de colonialidade brasileiro, em que a história dos vencidos foi ocultada, com base no discurso da “Suíça brasileira”, *tradição inventada* (Hobsbawn; Ranger, 1984), e que é reinventada até os dias atuais (Assis, 2022).

Segundo a visão crítica de Walter Benjamin<sup>3</sup> (1987) sobre o discurso a respeito da história como ruína e ruptura, a história é objeto de uma construção, cujo lugar não é um tempo homogêneo, mas cheio de *agoras*, em que cada presente se comunica com os diversos passados.

A ideia de *Sankofa*, que parte da concepção africana de história, dialoga com a visão benjaminiana sobre tempo e história. A *Sankofa* (Sanko = voltar; fa = buscar, trazer) origina-se de um provérbio tradicional entre os povos de língua *Akan*, da África Ocidental, em Gana, Togo e Costa do Marfim. A tradução do provérbio seria “não é tabu voltar atrás e buscar o que esqueceu”, o conceito é descrito como o movimento de retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro.

---

<sup>3</sup>A visão de Benjamin (1987) sobre o discurso da história é apresentada em seu último e profético texto, as teses *Sobre o conceito de história*, que é metaforicamente sintetizada na forma de alegoria em sua análise da obra de Paul Klee, *Angelus Novus*, de 1920, na tese IX.

A *Sankofa* friburguense vem sendo tecida no meio acadêmico por pesquisadores que tratam da presença e cultura negra na construção de Nova Friburgo, sendo que merecem destaque os seguintes trabalhos: o pioneiro de Gioconda Louzada (1991), *Presença negra*: uma nova abordagem sobre a história de Nova Friburgo, que demonstra o uso de trabalho escravo na produção das pequenas e médias propriedades da região e nas atividades urbanas da vila; a dissertação de José Carlos Pedro (1999), *A colônia do “Morro Queimado”*: suíços e luso-brasileiros na Freguesia de São João Batista de Nova Friburgo, 1820-1831, por revelar a hegemonia dos fazendeiros luso-brasileiros em relação aos colonos suíços, principalmente na representação política municipal, durante o período colonial; o livro *Os crimes da fazenda Ponte de Tábuas*: um estudo sobre a escravidão no século XIX, dos autores Edson Lisboa e Jorge Miguel Mayer (2008); *A escravidão velada*: a formação de Nova Friburgo na primeira metade do século XIX, dissertação de mestrado de 2014, publicada em livro em 2018; e *O opulento capitalista*: café e escravidão na formação do patrimônio familiar do Barão de Nova Friburgo (c. 1829 – c. 1873) (2019), tese de doutorado, ambas de Rodrigo Marins Marretto.

O presente trabalho visa revelar a vivência dos coletivos negros nessa costura decolonial e crítica à ideologia da “Suíça brasileira”, com enfoque na atuação dos coletivos negros *Ysun-Okê*, Lélia Gonzalez e Império das Negas, que, a convite da Fundação Dom João VI, se uniram para a idealização, construção de texto, divulgação e inauguração da Sala *Luzes de África* retomando o seu protagonismo no Solar do “fazendeiro-capitalista” que veio para a região de Cantagalo e Nova Friburgo em 1829, mas que, provavelmente, já atuava na Corte como traficante de escravos (Marretto, 2018).

## 2 ANÁLISE DO CASO-REFERÊNCIA: A PARTICIPAÇÃO DOS COLETIVOS NEGROS NA SALA LUZES DE ÁFRICA

O Solar da família Clemente Pinto, conhecido como Solar do Barão de Nova Friburgo, é um prédio histórico tombado, situado na Praça Getúlio Vargas, construído em 1843 para ser residência urbana de Antônio Clemente Pinto.

O prédio que hoje sedia a Fundação Dom João VI e o seu museu albergou uma série de órgãos administrativos no século XX. O prédio abrigou a prefeitura (1921-1969); Câmara Municipal (1922-2001); biblioteca (1941-2001); fórum e sala do júri (1938-1941); cadeia (1938–1940), também foi depósito de materiais da prefeitura; parte do

prédio hospedou o Porão das Artes, atual Centro de Artes; e a Oficina Escola até o ano de 2013 (Fundação Dom João VI, 2025).

A referida fundação foi criada pelo Prefeito Heródoto Bento de Mello em 2009, em substituição ao antigo Pró-Memória, instituída pela Lei Municipal nº 3.836/2009 (NOVA FRIBURGO, 2009). A fundação tornou-se o órgão municipal responsável pela preservação da memória histórica da cidade.

A escolha do nome do órgão de memória da cidade, Fundação Dom João VI, transparece a intenção inicial de se manter o discurso da “Suíça brasileira”, ao insistir no protagonismo de Dom João VI na fundação da cidade. Pensamento que atribui ao rei português sua “criação genial e visionária” (Araújo, 2003, p. 21) de uma colônia de trabalhadores brancos, europeus e livres.

Esse enfoque no protagonismo do rei português na gênese da cidade é criticado por historiadores críticos locais que a partir da tese do mito da “Suíça brasileira” de Araújo (1992, 2018) leem esse espaço e suas relações sociais acrescentando nessa miríade a história dos vencidos, dentre eles: os negros escravizados (Marretto, 2018, 2019); os imigrantes caipiras (Mayer, 2003); e, no século XIX, os operários, com a transmutação da “Suíça brasileira” para o “Paraíso Capitalista” dos liberais (Costa, 2018).

O início da trajetória de criação do Museu de Nova Friburgo demonstra a visão histórica eurocentrada baseada na *colonialidade do poder* (Quijano, 1992, 2005). A primeira sala do Museu de Nova Friburgo, inaugurada nos festejos do bicentenário da cidade, apresentava a cópia do retrato do Barão de Nova Friburgo como destaque. O *site* da Fundação Dom João VI exaltava o antigo proprietário da casa na sua exposição:

Rara imagem de São Clemente, padroeiro da família do Barão de Nova Friburgo e do Decreto de criação de Nova Friburgo (...) Antônio Clemente Pinto confiou sua esperança nesse chão, venceu os morros escarpados com a modernidade dos trilhos de trem e testemunhou o triunfo da prosperidade da região (Folly, 2025)<sup>4</sup>.

Em 2024, a segunda sala inaugurada no museu foi a exposição "A Pequena Alemanha - 200 Anos da Imigração Alemã", um tributo à herança cultural e histórica trazida pelos colonos alemães, que celebrou em maio daquele ano o bicentenário da imigração alemã na cidade.

---

<sup>4</sup>Destaca-se que o texto acima foi retirado do *site* do museu da referida fundação após a publicação do resumo expandido no *site* do II Seminário de Estudos Sobre o Estado do Rio de Janeiro, realizado em 2025.

A Sala *Luzes de África* é a mais nova sala do Museu de Nova Friburgo inaugurada em 2025. A fundação convidou o *Ysun-Okê*, pelas suas lideranças Ilma e Eliane, que por sua vez contactou os demais coletivos, Lélia Gonzalez e Império das Negas, para uma reunião sobre a concepção da sala, com o objetivo de que as pessoas pretas pudessem falar por si e ter voz nesse espaço.

O *Ysun-Okê* (Jornal A Voz da Serra, 2020), criado em 1987, realiza atividades culturais, como as celebrações do Dia da Consciência Negra com hasteamento da bandeira panafricana e apresentações. O coletivo trabalha para fortalecer a identidade afro-brasileira, promove a entrega prêmios, como o Prêmio Consciência Negra, em colaboração com a prefeitura, destacando personalidades locais, e colabora com o Cineclubes Lumiar e outras instituições para realizar mostras, debates e vivências que conectam cinema, música e resistência. Segundo informações coletadas em entrevista de duas das suas lideranças, Ilma e Eliane, o coletivo é composto por educadores, profissionais de saúde, autônomos, profissionais formais e informais, donas de casa, desempregados e estudantes, com o objetivo principal de resgate da autoestima e a multiplicação dos valores culturais com recorte étnico/racial.

O Império da Negas, surge em 2015, pela união de cinco amigas adolescentes que utilizavam a *hashtag* *#ImpérioDasNegas* para marcar sua presença com expressão corporal nos passinhos e festas. É uma coletiva formada por professores de história, psicólogas, psicólogos e lideranças militantes, além de jovens estudantes que desejam construir a militância preta em sua cidade, com o propósito de fortalecer a identidade negra, promover a educação antirracista e impulsionar a organização comunitária.

Em entrevista, a liderança do Império das Negas Michely Felício explica que o grupo de amigas queriam celebrar a negritude, valorizando traços, estética, roupas e a identidade negra em uma cidade onde não se sentiam representadas. Ainda segundo a entrevistada, com o tempo, diante de situações mais graves de racismo e questões de saúde mental da população preta, o movimento sentiu a necessidade de aprofundar sua atuação por meio do letramento e da educação.

O Lélia Gonzalez, fundado em 2016, liderado por um colegiado, é um coletivo composto por professores, assistentes sociais e estudantes forjado na luta anticapitalista e antirracista, que tem uma relevância local na militância política nas ruas e em atividades de palestras em escolas da rede pública e Universidades.

Na primeira reunião, foi apresentado pelos responsáveis da fundação a concepção que imaginavam para a sala. Os coletivos entenderam a grandiosidade e a importância

da sala para a cultura negra da cidade, se juntaram e passaram a participar ativamente em diversas reuniões a convite da fundação. Os membros dos coletivos avaliaram as peças, os textos, os *banners*, cada detalhe do acervo, segundo entrevistas das lideranças dos coletivos realizadas pelas autoras. Tudo que hoje está dentro do museu passou pelo olhar dos coletivos que falaram de suas vivências e ofereceram o seu aval estético e acadêmico para que a Sala *Luzes de África* pudesse ser aberta.

O vídeo de divulgação (Fundação Dom João VI de Nova Friburgo, 2025)<sup>5</sup>, que foi inserido em um *totem* da exposição, teve participação de vários membros dos coletivos que roteirizaram, confeccionaram e atuaram no material audiovisual produzido pela fundação. Foram convidados: faxineira, psicóloga, professor, estudante, rainha de bateria, costureiras, manicure, trancista, dentre outros afro-friburguenses. Todos se tornaram artistas de sua própria história e entregaram o seu melhor em uma poesia silenciosa que dizia muito sobre e para a negritude friburguense.

A ideia central do vídeo era ligar pessoas negras aos pontos turísticos da cidade para que o termo afro-friburguense ganhasse vida. Cada grupo representando uma estética, um saber, que retrata a cultura negra friburguense. A cena etérea de uma matriarca posicionada em seu trono com sua filha ao colo e figuras femininas ao redor simbolizam o lugar majestoso de quem já contribuiu muito e agora merece a sombra fresca do reconhecimento, como cenário o Parque Estadual dos Três Picos.

Figura 1– Matriarcado



Fonte: Acervo cedido pelo fotógrafo Dener Bento.

No vídeo observa-se o intelectual ancestral vivo que abriu portas do saber para os mais novos, posicionado no viaduto que concentra grande fluxo no município,

---

<sup>5</sup>O vídeo foi transmitido na InterTV, afiliada da Rede Globo, e tinha a previsão de ficar no ar por volta de quinze dias, mas a emissora e a fundação ampliaram a divulgação para o dobro do tempo por conta da aprovação massiva e popular.

representando a excelência dos saberes pretos. As *agodjié*<sup>6</sup> como a imagem de mulheres em marcha no bambuzal que dá acesso à casa de veraneio do Barão, com a intenção de revelar o sentimento de ocupação e retomada.

Figura 2 – Excelência preta



Fonte: Acervo cedido pelo fotógrafo Dener Bento.

Figura 3- Agodjié



Fonte: Acervo cedido pelo fotógrafo Dener Bento.

A capoeira, o carnaval das escolas de samba, as mulheres com suas tranças que revelam a estética negra.

Figura 4 – Capoeira



Fonte: Acervo cedido pelo fotógrafo Dener Bento.

Figura 5 – Escolas de Samba



Fonte: Acervo cedido pelo fotógrafo Dener Bento..

<sup>6</sup>A *agodjié* foi um regimento de mulheres do exército do reino do Daomé na África Ocidental (atual República do Benim). O Daomé foi o primeiro reino africano a desenvolver um regimento militar exclusivamente feminino. Cf. (Law, 1993).

Figura 6 – Estética negra



Fonte: Acervo cedido pelo fotógrafo Dener Bento.

O afro-urbanismo representando pelo *hip hop* no sinal de trânsito onde o grupo de dança urbana iniciou sua jornada. E as crianças que, no alto da montanha, observam o pôr do sol sobre a cidade, simbolizam o amanhã.

Figura 7 – Afro-Urbanismo



Fonte: Acervo Cedido Pelo Fotógrafo Dener Bento.

Figura 8 – O amanhã



Fonte: Acervo Cedido Pelo Fotógrafo Dener Bento.

No decorrer de cinco meses o Coro Lírico *Ouro Negro* ensaiou uma peça de quatorze minutos em Lango, idioma de Uganda. *Waloyo Yamoni*, composta por Christopher Tin, inaugurou a sala *Luzes de África* sob a regência do Maestro e cantor lírico Ágni Silva<sup>7</sup>.

Figura 1– Coral *Ouro Negro*



Fonte: Daniel Marcus (Jornal A Voz da Serra, 2025).

Na cerimônia de inauguração destacam-se ainda a fala da Mãe de Santo Bruna Borges, representando todos os terreiros da cidade, da liderança Ilma Santos do *Ysun-Okê*, pelos coletivos negros, e da Maiara Felício, membro do Império da Negas e primeira vereadora negra, reeleita e mais votada da cidade. Em entrevista às autoras, Ilma Santos e Eliane Santos explicitaram como essencial a criação espaços de valorização, reconhecimento e protagonismo do povo negro, segundo as referidas lideranças do *Ysun-Okê*:

Espaços de fala, de memória, de produção cultural, estes espaços são fundamentais para reparar desigualdades históricas e fortalecer a democracia e a equidade, comprometido com um futuro em que todas as vozes tenham lugar. Reconhecer essa importância não é apenas um ato de justiça histórica, mas um passo necessário para construir um país mais igualitário, consciente de suas raízes.

A composição da sala busca narrar em setores o legado do povo africano e afro-diaspórico no território friburguense, são eles: a mulheridade, direcionado a força da mulher negra; a religiosidade e a incorporação da fé no Brasil; a escravidão no município

<sup>7</sup>O próprio museu providenciou as roupas e as peças de cabeça.

sob a gestão do Barão, onde pela primeira são expostos os grilhões e o ferro que o fazendeiro marcava os escravizados; e a resistência.

A participação dos coletivos na concepção, divulgação e inauguração da sala *Luzes de África* foi decisivo para o sucesso de público da sala que em 19 de fevereiro de 2026 contava com 6.831 visitantes, segundo informação obtida pelas autoras com a fundação. Segundo Paulo César Lourenço, conhecido como PC, entrevistado pelas autoras como liderança do Lélia Gonzalez, a participação deles na sala foi importante para o coletivo, nas suas palavras: “(...) chegamos aqui como escravizados e hoje a população pode ver como a história é de verdade. Esta história precisava ser contada para as novas gerações e para os que vieram antes de nós”. A fala do PC revela que a participação dos coletivos na sala tem o potencial de transformar e consolidar a memória negra na cidade de Nova Friburgo reverberando nas atividades dos seus coletivos negros.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de um olhar crítico decolonial da memória da cidade de Nova Friburgo que desvela o *mito da “Suíça brasileira”*, a *Sankofa* friburguense vem sendo tecida por pesquisadores e, principalmente, coletivos negros nas suas práticas sociais instituintes, que abrangem seus saberes, estudos e atuação político cultural sobre a presença e cultura negra na construção da cidade.

Nesse contexto, o caso-referência da participação dos coletivos negros na Sala *Luzes de África* do Museu de Nova Friburgo se configura como espaço-tempo em que o presente se articula historicamente ao passado de forma em que a empatia pela narrativa dos vencidos é reverberada.

Conforme ensinamento de Versiani (2018): “Feliz o museu de História que tiver na diversidade uma força, para não cair no tédio da História única, da falsa homogeneidade que serve menos pra entender a História e mais pra reforçar privilégios”.

A sabedoria, ancestralidade, cultura e memória afro-friburguense retorna como protagonista resistindo e ocupando o Solar do “fazendeiro-capitalista” (Marreto, 2019, p. 459) que veio para a região de Cantagalo e Nova Friburgo em 1829, mas que, provavelmente, já atuava na Corte como traficante de escravos (*Idem*, p. 294 e 295).

As *Luzes de África* agora iluminam o passado obscuro do Barão para ressignificar o presente e construir um futuro. O vídeo de divulgação da sala produzido e protagonizado

por afro-friburguenses é um registro direcionado para que as interpretações sejam repletas de possibilidades. Tudo realizado pela comunidade negra friburguense que se reinventa e aprimora as propostas e a atuação dos coletivos envolvidos. Nas palavras e *escrevivência* de uma das autoras: “Entregamos nosso coração para que nenhuma criança se sinta excluída das representações de quem construiu Nova Friburgo. Nossa história somos nós quem vamos contar”.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Vívian Alves de; CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli. Tecendo memórias decoloniais sobre Nova Friburgo: disputa histórica à luz do direito à cidade. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, Rio de Janeiro, n. 28 especial, 2025. DOI: 10.12957/cdf.2025.89489. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cdf/article/view/89489>. Acesso em: 12 set. 2025.

ASSIS, Vívian Alves de. **Disputa histórica nas trincheiras do direito à cidade: o caso-referência da Praça Getúlio Vargas em Nova Friburgo**. Tese (Doutorado em Teorias Jurídicas Contemporâneas) – Departamento de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

ARAÚJO, João Raimundo de. **Processo de urbanização da “Suíça brasileira” - 1890-1930**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1992.

ARAÚJO, João Raimundo de. **Nova Friburgo: a construção do mito da Suíça brasileira (1910-1960)**. Coleção Nova Friburgo: 200 anos de luta e resistência, vol. 2. Rio de Janeiro: Revan, 2018.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas vol. 1: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: Constituição. Acesso em: 01 fev. 2026.

BRASIL. **Lei Federal nº 14.910, de 01 de julho de 2024**. Disponível em: Portal da Câmara dos Deputados Acesso em: 12 ago. 2025.

CAVALLAZZI, Rosângela Lunardelli. **A plasticidade na teoria contratual**. Tese (Doutorado em Ciências Jurídicas) – Departamento de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

CRESWELL, J. W. **Investigação Qualitativa e Projeto de Pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Porto Alegre, RS: Penso, 2014.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2020.

FOLLY, Luiz Fernando. Museu. In: Fundação Dom João VI. Disponível em: Museu Nova Friburgo. Acesso em: 12 ago. 2025.

FUNDAÇÃO DOM JOÃO VI. **Sede**. Disponível em: Sede. Acesso em: 12 ago. 2025.

FUNDAÇÃO DOM JOÃO VI DE NOVA FRIBURGO, Luzes de África 1, Youtube, 3 dez. 2025. Disponível em: Luzes de Africa 1. Acesso em: 14 ago. 2025.

GUSTIN, Miracy Barbosa de Sousa; DIAS, Maria Tereza Fonseca. **(Re)pensando a pesquisa jurídica: teoria e prática**, 2. ed. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: Censo 2010 | IBGE. Acesso em: 24 ago. 2025.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: Censo 2022 | IBGE. Acesso em: 25 ago. 2025.

JORNAL A VOZ DA SERRA. **Nova Friburgo inaugurou sala “Luzes de África” que celebra cultura afro-brasileira**, 4 ago. 2025. Disponível em: Nova Friburgo inaugurou sala “Luzes de África” que celebra a cultura afro-brasileira | Jornal A Voz da Serra. Acesso em: 18 fev. 2026.

JORNAL A VOZ DA SERRA. **Centro afro-brasileiro Ysun-Okê realiza cerimônia virtual neste feriado**, 19 nov. 2020. Disponível em: Centro afro-brasileiro Ysun-Okê realiza cerimônia virtual neste feriado | Jornal A Voz da Serra. Acesso em: 17 fev. 2026.

LAW, Robin. The ‘Amazons’ of Dahomey, **Paideuma**, n. 39, 1993, pp. 245-260.

LISBOA, Edson de Castro; MAYER, Jorge Miguel. **Os crimes da fazenda Ponte de Tábuas: um estudo sobre a escravidão no século XIX**. Nova Friburgo: Alberian, 2008.

LOUZADA, Gioconda. **Presença negra: uma nova abordagem da história de Nova Friburgo**. Niterói: EDUFF, 1991.

MARRETTO, Rodrigo M. **Escravidão velada: a formação de Nova Friburgo na metade do século XIX**. Coleção Nova Friburgo: 200 anos de luta e resistência, vol. 1. Rio de Janeiro: Revan, 2018.

MARRETTO, Rodrigo M. **O opulento capitalista: café e escravidão na formação do patrimônio familiar do barão de Nova Friburgo (c 1829 – c 1873)**. Tese (Doutorado em História Social) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.

MAYER, Jorge Miguel. **Raízes e crise do mundo caipira: o caso de Nova Friburgo.** Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.

NOVA FRIBURGO. **Lei Municipal nº 3.836/2009.** Autoriza o Poder Executivo a instituir a fundação D. João VI de Nova Friburgo, e dá outras providências. Nova Friburgo, 2009. Disponível em: <https://cespro.com.br/visualizarDiploma.PhpcdMunicipio=6811&cdDiploma=6493&NroLei=3.836&Word=&Word2=>. Acesso em: 10 set. 2019.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú Indígena**, v. 13, nº 29, Lima: Instituto Indigenista, 1992.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In:* LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 107-30.

RIO DE JANEIRO. **Lei Estadual nº 7683, de 01 de setembro de 2017.** Rio de Janeiro: Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (ALERJ), 2017. Disponível em: Lei Ordinária. Acesso em: 11 jan. 2025.

VERSIANI, Maria Helena. **Criar, ver e pensar: um acervo para a República.** Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2018.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação Dom João VI que teve a iniciativa, concepção inicial da sala e convidou os coletivos negros a participarem democraticamente de todo o processo. À Prefeitura de Nova Friburgo e Fundação Dom João VI que realizaram o material audiovisual de divulgação da sala, que foi incluído na exposição. Merecem menção todos os envolvidos: direção Leo Arturius; direção criativa, produção e figurino Maiara Felício da Silva; produção executiva Camila Cristina e Michely Felício; roteiro Camila Cristina Ribeiro; direção de fotografia e operador de câmera José Antônio (Cebolinha); assistente de produção Kelly Amorim e Adriana Cortez; assistente de fotografia Anna Bheatriz Brugger; still e making off Dener Bento Fotografias; edição Leo Arturius e Dener Bento; drone Raphael Pinheiro. Nosso profundo agradecimento aos coletivos negros *Ysun-Okê*, Lélia Gonzalez e Império das Negas, ao Coral Ouro Negro, à Mãe de Santo Bruna de Oxum, ao Laborative Dance e todos os envolvidos nesse processo, cuja luta, sabedoria ancestral e existência são a base desta pesquisa. A criação da Sala Luzes de África no Museu de Nova Friburgo foi a inspiração fundamental para nossa reflexão e ilumina a ação futura para uma Nova Friburgo que reconhece o protagonismo da população negra na sua construção.

O artigo assinado é de inteira responsabilidade dos autores, bem como no que se refere ao uso de imagens.